

**Aconselhamento Pastoral:
Reflexões em Torno do Sagrado¹**

Edilson Soares de Souza²

1 O presente texto parte de uma discussão empreendida com os alunos e as alunas da Faculdade Teológica Batista do Paraná, que realizaram a disciplina Aconselhamento Pastoral no curso de bacharelado em Teologia a Distância – Teologia EAD. A discussão está inserida no capítulo final da apostila da disciplina.

2 Doutor e Mestre em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professor na Faculdade Teológica Batista do Paraná (FTBP). Bacharel em Teologia. Psicólogo Clínico e psicoterapeuta sistêmico. Integrante do Núcleo Paranaense de Pesquisa em Religião (NUPPER). E-mail: edilsonssouza@uol.com.br.

Resumo

O presente artigo parte da premissa de que o sagrado está presente no contexto social, nas práticas rituais das diversas religiões e também na fala dos adeptos das múltiplas confissões de fé, inclusive, na fala daqueles que procuram no aconselhamento uma orientação religiosa. Assim, o texto procura refletir sobre dois elementos que remetem ao aconselhamento e ao sagrado:

a) uma intenção de compreender e conceituar o sagrado, recorrentemente presente nos discursos de aconselhamento pastoral, reconhecendo que existem outras formas de se tratar o mesmo tema – o sagrado; e b) empreender uma análise sobre algumas discussões que foram realizadas em torno do sagrado, tendo como pano de fundo as contribuições da religião e de algumas formas de entendimento da construção das funções mentais. Assim, uma questão norteadora que pode ser colocada é: como os conselheiros entendem e analisam a presença do sagrado no processo de aconselhamento pastoral contemporâneo?

Palavras-chave: Aconselhamento Pastoral; Sagrado; Protestantismo brasileiro.

Abstract

This article assumes that the sacred is present in the social context, in the ritual practices of the various religions and also in the speech of the supporters of the multiple confessions of faith, even in the speech of those who seek in counseling guidance of religious bias. Thus, this article seeks to reflect on two elements that refer to counseling and to sacred: a) an intention to understand and to conceptualize the sacred, recurrently present in the pastoral counseling speeches, recognizing that there are other ways of treating the same theme – the sacred; and b) undertaking an analysis about some questions that were held around the sacred, having as a backdrop the religion contributions and some forms of understandings about the mental functions construction. Thus, a question that can be asked is: how do the counsellor understand and analyze the presence of the sacred in the contemporary pastor counseling process?

Keywords: Pastoral Counseling; Sacred; Brazilian Protestantism.

Introdução

A prática do Aconselhamento Pastoral, também no meado de Aconselhamento Cristão, vem se desenvolvendo no âmbito da chamada Teologia Prática, levando a reflexões sobre os limites de atuação daqueles que se colocam, formal ou informalmente, como conselheiros ou conselheiras no contexto do protestantismo brasileiro atual. A discussão, portanto, é pertinente e atual, motivando os estudiosos da área da teologia e das práticas religiosas a pesquisarem os fenômenos que remetem aos diversos aspectos que perpassam o Aconselhamento Pastoral na atualidade.

Além de temas relevantes como as qualificações dos conselheiros pastorais e as técnicas utilizadas no processo de aconselhamento é necessário discutir também algumas temáticas que são recorrentes durante os processos de apoio àqueles que buscam auxílio para suas inquietações. Dos muitos temas complexos e desafiadores para se pensar, um deles é a presença do sagrado no discurso do aconselhado ou aconselhada. Se o sagrado está presente na constituição das formas religiosas, fazendo das práticas do cristianismo um objeto de estudo relevante, se aceita que o sagrado também está presente na forma do adepto religioso pensar a existência de si mesmo, como também na construção de sua discursividade, sobretudo, no processo de aconselhamento pastoral.

O presente artigo parte da premissa de que o sagrado está presente no contexto social, nas práticas rituais das diversas religiões e também na fala dos adeptos das múltiplas confissões de fé, inclusive, na fala daqueles que procuram no aconselhamento uma orientação de viés religioso. Assim, o texto procura refletir sobre dois elementos que remetem ao aconselhamento e ao sagrado: a) uma intenção de compreender e conceituar o sagrado, recorrentemente presente nos discursos de aconselhamento pastoral, reconhecendo que existem outras formas de se tratar o mesmo tema – o sagrado; e b) empreender uma análise sobre algumas discussões que foram realizadas em torno do sagrado, tendo como pano de fundo as contribuições da religião e de algumas formas de entendimento da construção das funções mentais.

Para nortear a discussão, uma questão que pode ser colocada é: como os conselheiros entendem e analisam a presença do sagrado no processo de aconselhamento pastoral contemporâneo?

Compreensão do sagrado

Numa definição muito objetiva sobre o sagrado, Mircea Eliade escreveu que “a primeira definição que se pode dar ao sagrado é que ele se opõe ao profano”.³ Em parte, e por um ângulo de observação, pode-se dizer que Eliade não está equivocado em sua compreensão sobre o sagrado. Por outro lado, pode-se considerar que, tomando apenas tal afirmação, a qualidade e os significados atribuídos ao sagrado ficam encobertos, já que ele (o sagrado) existe somente em oposição ao profano. Assim, a afirmação do teórico pode ser um ponto de partida quando o tema é a compreensão da relação entre o sagrado e o profano.

Com outra percepção, Peter Berger propõe uma compreensão do sagrado, afirmando que “por sagra do entendese (...) uma qualidade de poder misterioso e temeroso, distinto do homem e todavia relacionado com ele, que se acredita residir em certos objetos da experiência”.⁴ Ele acrescenta, complementando a sua compreensão do sagrado, dizendo que “essa qualidade pode ser atribuída a objetos naturais e artificiais, a animais, ou a homens, ou às objetivações da cultura humana”.⁵

Como exemplo da presença do sagrado no processo de constituição da humanidade, observa-se que “há rochedos sagrados, instrumentos sagrados, vacas sagradas. O chefe pode ser sagrado, como o pode ser um costume ou instituição particular.”⁶ Dessa forma, para o autor, “pode-se atribuir a mesma qualidade ao espaço e ao tempo, como nos lugares e tempos sagrados. A qualidade pode finalmente encarnar-se em seres sagrados, desde os espíritos eminentemente locais às grandes divindades cósmicas”.⁷

Ao desenvolver a sua compreensão sobre o sagrado, discutida no livro *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*, Peter Berger entende que “o sagrado é apreendido como algo que ‘salta para fora’ das rotinas normais do dia a dia, como algo de extraordinário e potencial-

3 ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 17.

4 BERGER, Peter. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulus, 1985, p. 38.

5 BERGER, Peter. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulus, 1985, p. 38.

6 BERGER, Peter. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulus, 1985, p. 38-39.

7 BERGER, Peter. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulus, 1985, p. 39.

mente perigoso, em bora seus perigos possam ser domesticados e sua força aproveitada para as necessidades cotidianas”.⁸ Em certo sentido, Berger concorda com Eliade, pois “num certo nível, o antônimo do sagrado é o profano, que se define simplesmente como a ausência do caráter sagrado”.⁹

As considerações de Peter Berger ajudam a compreender as especificidades relacionadas ao sagrado. Assim, tendo esse conhecimento, pode-se observar que parte daquilo que os aconselhados colocam durante o processo de aconselhamento pastoral tende a remeter às questões associadas ao sagrado. Identificá-las e compreendê-las no contexto existencial daqueles que buscam no aconselhamento pastoral a ferramenta para a sua superação é tarefa dos conselheiros pastorais. Por esse motivo, além de se compreender o significado do sagrado, a partir de dois teóricos (Eliade e Berger), é relevante procurar entender o significado de sagrado para aqueles que procuram apoio no contexto do aconselhamento pastoral. Por outro viés, é pertinente considerar a escuta que os conselheiros pastorais fazem do discurso sobre o sagrado, ou como o sagrado está por trás das diversas temáticas compartilhadas durante o processo de aconselhamento.

Discussões em torno do sagrado

Dentre os vários temas que ocupam o aconselhamento pastoral, observa-se que a fala em torno do sagrado também está presente. Cabe lembrar que a abordagem do assunto que envolve o sagrado é pertinente ao aconselhamento cristão, sendo que tal assunto, geralmente, é introduzido por iniciativa das pessoas, que justificam algumas de suas escolhas e as suas consequências ao longo da vida.

Nesse sentido, visando a uma compreensão mais objetiva do tema, podem-se considerar três abordagens teóricas que ajudam no entendimento do sagrado no processo discursivo do sujeito em aconselhamento pastoral: a) alguns ideias da Teoria Sistêmica; b) as propostas da Psicanálise, e c) as formulações da Logoterapia. As duas últimas, através de seus principais interlocutores (respectivamente Sigmund Freud e Viktor E. Frank), apresentam contribuições e questionamentos significativos ao estudo da constituição humana, abordando as questões de saúde e também

8 BERGER, Peter. O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 1985, p. 39.

9 BERGER, Peter. O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 1985, p. 39.

da influência da religião na vida das pessoas. Quanto à Teoria Sistêmica, considerando as suas múltiplas indicações e propostas de abordagens, parece que lhe falta uma reflexão mais pertinente sobre o sagrado nas questões que envolvem os sistemas, sobretudo, quando trata do casamento e dos sistemas familiares. Eis, portanto, uma oportunidade para os estudiosos das teorias sistêmicas aplicadas às ciências humanas: compreender o significado do sagrado a partir dos pressupostos teórico-metodo lógicos que perpassam os sistemas.

Embora possa se considerar na presente discussão o sagrado no processo de formação discursiva, a proposta de uma compreensão sobre a construção teórico-metodológica da Análise do Discurso deve ficar para outro momento. O mesmo aplica-se a uma leitura ou uma releitura das técnicas alusivas à Análise do Discurso, que podem ser percebidas, em diferentes momentos, no estudo dessas três abordagens mencionadas anteriormente.

Porém, é importante enfatizar que as pessoas podem apoiar-se no sagrado como mais um expediente que se constitui como instrumento regulador da ansiedade. Ela – a ansiedade – apresenta-se como uma sensação associada à aflição, ao receio ou ainda à angústia, estando presente na vida das pessoas, em maior ou menor intensidade. Assim, os sujeitos podem afirmar que as suas escolhas não traduzem apenas as suas vontades e desejos, já que foram “orientadas” por um “outro”, visto e constituído como um Ser Superior ou uma divindade, remetendo ao sagrado, numa tentativa de transferência de responsabilidades.

Conquanto o discurso sobre o sagrado esteja presente no processo de aconselhamento pastoral, vale lembrar alguns pontos de tensão que podem existir entre o conselheiro e o aconselhado no decorrer do processo pastoral.

O primeiro ponto de tensão reside na relação que se estabelece entre um sujeito que é percebido como um especialista do sagrado – que é o conselheiro pastoral – e aquele que procura entender-se, inclusive, a partir dos fenômenos religiosos, perpassa dos pelo sagrado. Não que o conselheiro seja, de fato, um especialista nessa área religiosa, mas ele pode ser percebido pelo aconselhado de tal forma. Tomando como base tal possibilidade, a tensão relacional ocorre entre o profissional que detém o conhecimento e o acesso ao sagrado e o outro, que não tem o devido conhecimento e

carece de um acesso privilegiado ao lugar no qual o sagrado se encontra. Tal tensão pode ser minimizada a partir da postura do conselheiro ou da conselheira, que se coloca como alguém que deseja ouvir do outro sobre a sua compreensão de sagrado e os fenômenos associados ao mesmo.

O segundo ponto de tensão reside nas construções e formulações discursivas sobre o religioso e o espiritual, que tem como pano de fundo os elementos constitutivos do sagrado, tidos como verdadeiros e aceitos sem qualquer questionamento por parte do outro, já que representa uma relação com o elemento transcendental. A tensão se estabelece quando o aconselhado procura impressionar o conselheiro pastoral, apresentando um discurso caracterizado por significativas e “irrefutáveis experiências espirituais”, visando revelar ou indicar alguém que tem um acesso exclusivo ao sagrado, estando acima de qualquer questionamento durante o processo de aconselhamento. Nesse caso, existe certo controle por parte do aconselhado, que procura – talvez de forma inconsciente – limitar o entendimento daquele que atua como conselheiro pastoral, não favorecendo a interpretação das experiências que se associam ao sagrado.

Cabe lembrar que a experiência religiosa ou espiritual de alguém não é exata mente igual à experiência dos conselheiros pastorais, mesmo que todos façam parte da mesma confissão de fé, como ocorre entre os cristãos que buscam no aconselhamento o instrumento de superação de determinadas dificuldades. Mesmo professando a fé em Cristo, pode-se dizer que a experiência de conversão de cada pessoa passa pela individualidade do ser e pelas características peculiares da constituição de cada personalidade.

O terceiro ponto de tensão repousa na dificuldade que as pessoas, de forma geral, apresentam quando precisam se expor, falando de temas que são muito delicados e, algumas vezes, constrangedores. Pode-se dizer que é tenso quando alguém procura um profissional da área de aconselhamento para comunicar que não consegue resolver algumas demandas, geradoras de sofrimento para si e para aqueles que estão ao redor. É tenso se expor, como é tenso se despir emocionalmente diante do outro, visto e tido como alguém além das demandas complexas que assolam parte da população no contexto social brasileiro. É tenso quando alguém procura o outro – visto como o conselheiro pastoral ou a conselheira pastoral – para falar de seus supostos fracassos ou recorrentes incompetências existenciais. Provavelmente, muito sofrimento já foi experimentado e inúmeras

tentativas de superação foram empreendidas até que este ponto de tensão se instale, marcando a relação entre conselheiro e aconselhado.

Parte da tensão entre aconselhados e conselheiros pastorais pode ser “esvaziada” se cada conselheiro perceber como é difícil e complexo se expor diante do outro, discursando sobre alguns dos aspectos mais profundos da alma humana, desnudando-se e revelando alguns dos mistérios mais profundos da essência humana.

Sobre as questões que envolvem o sagrado e a ansiedade no processo de aconselhamento, é possível fazer duas considerações: a) em primeiro lugar, não se propõe trabalhar ou discutir o significado de sagrado, partindo, no entanto, das duas contribuições anteriormente citadas: a de Mircea Eliade e as considerações de Peter Berger, e b) em segundo lugar, o termo ansiedade neste texto não tem o mesmo significado que pode ser encontrado no CID 10, que apresenta a classificação da Organização Mundial de Saúde (OMS), quando se refere aos transtornos de ansiedade.¹⁰

Para uma melhor compreensão sobre a ansiedade, pode-se recorrer ao conceito formulado por Lawrence Kolb, quando diz que “a ansiedade pode ser descrita como uma dolorosa dificuldade mental, um estado de muito alta tensão, acompanhado de um inexprimível temor, um sentimento de expectativa apreensiva”¹¹. “Para o autor, tais reações ansiosas podem se revelar em determinada situação “que constitua uma ameaça à personalidade”¹². Quando se consideram temas como sagrado, religião, ansiedade ou saúde mental, pode-se pensar também nos fenômenos religiosos que produzem algum estado de alienação ou estagnação diante dos desafios da existência humana. Parte-se, então, do princípio de que as estruturas religiosas desempenham a função de auxiliar as pessoas em sua trajetória de vida, podendo produzir esperança com relação às aflições que surgem como ameaças sobre o futuro, inclusive, com relação à vida após a morte física.

Visto por esse viés, o presente texto propõe compreender as vivências religiosas como influências que leva m ao desenvolvimento saudável das pessoas, embora exista o risco de determinadas formas de

10 Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10: Descrições Clínicas e Diretrizes Diagnósticas – Coord. Organização Mundial da Saúde. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993, p. 137.

11 KOLB, L. C. *Psiquiatria clínica*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1986, p. 385.

12 KO LB, L. C. *Psiquiatria clínica*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1986, p. 385.
Edilson Soares de Souza, Vol. 14, n.28, dez.2013, p 105 - 126 1 Via Teológica

religião conduzirem à alienação ou mesmo à doença mental. Por outro lado, cabe lembrar que podem existir pessoas que praticam a religião e que optam pelo estado e pela condição de alienação, quando se deparam com os seus problemas pessoais e as vivências de sofrimento, que são inerentes à existência humana. Dessa forma, torna-se complexo generalizar a influência da religião, responsabilizando-a por determinadas escolhas de seus seguidores. Assim, não basta responsabilizar de maneira absoluta a religião, sem considerar as apropriações que os adeptos de dada confissão de fé faz de seu conjunto de crenças, pensamentos, rituais e doutrinas.

Pode-se, portanto, considerar o adepto que se apropriado sagrado, a partir do conjunto discursivo de sua religião, objetivando manter as suas resistências intactas com relação a não percepção de conteúdos que se tornaram ocultos e também dolorosos, que podem estar presentes em sua estrutura emocional, revelando as disfunções que fazem parte de sua vida. Considera-se o risco de estagnação dessa pessoa, mas tomar a religião como a única responsável por tal vivência é não atribuir a outras instituições e influências uma força dinâmica no processo de constituição emocional do sujeito religioso.

Dessa forma, tomando como referência o processo de aconselhamento pastoral, entende-se que desqualificar ou supervalorizar o discurso do aconselhado sobre o sagrado, aceitando tal discurso de forma incondicionalmente e tornando-o legitimador das escolhas do sujeito, tende a indicar uma postura de não acolhimento desse aconselhado e de suas questões, deixando em segundo plano uma postura que pode ser tanto empática quanto de escuta incondicional. Por outro lado, podese entender que ao acolher o sujeito e o seu discurso sobre o sagrado, os conselheiros religiosos se colocam como instrumentos facilitadores em seu processo de (re) organização, seja no contexto pessoal ou familiar, procurando compreender e respeitar de forma ética as demandas e as vivências religiosas compartilhadas no contexto de ajuda. Entende-se que essa postura empática na relação com o outro se revela como elemento facilitador no processo de restauração e aconselhamento.

Deve-se considerar ainda que é dentro do processo de aconselhamento pastoral que determinados temas podem ser tratados com a devida segurança, entendendo a relação desses temas com o sagrado.

Nesse sentido, algumas aproximações podem ser propostas entre um dos temas centrais do aconselhamento, que é o sagrado, e outros temas que são relevantes, mas que podem surgir de forma mais discreta. Nota-se que determinados assuntos são recorrentes no processo de aconselhamento pastoral: a) questões de ordem afetiva, incluindo vínculos relacionais entre cônjuges, vínculos relacionais entre amigos e vínculos relacionais entre pais e filhos; b) questões de ordem profissional, questionando os resultados de algumas decisões e seus desdobramentos práticos, e c) questões de ordem espacial e temporal, sobre ser aquele o melhor momento ou o melhor lugar para a tomada de certa decisão.

Outro aspecto que pode ser considerado na presente reflexão é a possível existência de determinados traços de memória coletiva na trajetória de um grupo que professa uma religião. Assim, pode-se tomar como exemplo a religião cristã, onde se observa que na construção e na defesa dos dogmas, das crenças e das doutrinas se tem fragmentos de uma memória que conserva séculos de produção discursiva. Portanto, quando o conselheiro coloca-se como ouvinte do aconselhado é necessário considerar que aquele discurso não é o resultado somente das vivências da pessoa que está sendo acompanhada, mas que aquela fala reproduz outros discursos proferidos em outras épocas e lugares. Observa-se e se reconhece que os elementos constitutivos de determinado discurso produzido no contexto de aconselhamento são também elementos presentes na produção discursiva das denominações que fazem parte do cristianismo contemporâneo. Dito isso, se aceita que algumas pessoas em aconselhamento passam a produzir um discurso que é o resultado também da apropriação de certos conteúdos de caráter religioso, tomando como seu determinados elementos que constituem parte da produção discursiva de uma denominação de fé, transferindo para a religião os motivos de suas escolhas pessoais.

Dessa forma, quando o conselheiro ou a conselheira pastoral acolhe um determinado discurso sobre o sagrado é relevante procurar compreender que a fala que se apresenta não é somente dessa pessoa. Tal discurso é singular quanto à sua forma de apresentação ou quanto ao tempo e ao espaço. Mas se reconhece que os discursos que são apresentados em dada condição foram construídos sobre outras produções discursivas, inclusive, produções discursivas religiosas que remetem ao sagrado. Partindo dessa percepção, entende-se que o discurso do aconselhado pode ser

uma espécie de eco da instituição religiosa à qual ele está inserido, ou esteve inserido em determinado momento. Conquanto aquela fala sobre o sagrado seja uma reprodução de parte do conjunto discursivo do grupo religioso, a fala torna-se específica e pessoal, refletindo as inquietações do aconselhado ou da aconselhada. Afinal, dentre tantos elementos que fazem parte da discursividade religiosa, o sujeito optou, mesmo que de forma inconsciente, pela “revelação” daqueles elementos que indicam as demandas de suas inquietações.

Num livro intitulado *Cartas entre Freud e Pfister (1909-1939): um diálogo entre psicanálise e fé cristã*, pode-se encontrar registros significativos de um relacionamento entre dois homens que se interessaram pela mente e pelo comportamento humano, tendo como pano de fundo os fenômenos religiosos. O primeiro, Sigmund Freud, foi um médico austríaco que trocou correspondências pessoais com um pastor protestante, e isso durante trinta anos. O segundo, que foi Oskar Pfister, tornou-se um dos interlocutores de Freud. Pfister tinha doutorado em Filosofia, demonstrando ser um persistente inquiridor das questões que afligiam a estrutura humana de seu tempo.

Parte dos significativos diálogos entre Freud e Pfister está inserida nas páginas do livro citado, constituindo-se numa referência bibliográfica relevante sobre as demandas da estrutura mental, ajudando na reflexão sobre os processos de aconselhamento pastoral, além de discutir temas que perpassavam religião e psicanálise.

Freud, então, escreveu ao pastor protestante, a quem chamou de cura de almas espiritual, agradecendo pelo envio de um trabalho intitulado *Representações delirantes e suicídio de alunos*, considerando a diferença do trabalho de um religioso e de um especialista. Para Freud, a “psicanálise em si não é religiosa nem anti-religiosa, mas um instrumento apartidário do qual tanto o religioso como o laico poderão servir-se, desde que aconteça tão somente a serviço da libertação dos sofredores. Estou muito admirado de que eu mesmo não tenha me lembrado de quão grande auxílio o método psicanalítico pode fornecer à cura de almas”.¹³ A afirmação de Freud indica uma postura que procura ser neutra no tratamento psicanalítico. Postura que outras escolas psicanalíticas e psicológicas procuram seguir na atualidade.

13 *Cartas entre Freud e Pfister (1909-1939): um diálogo ente a psicanálise e a fé cristã.* (org.) Ernst L. Freud e Heinrich Meng. Viçosa: Ultimato, 1998, p. 25.

Após receber a carta de Freud, datada de 09 de fevereiro de 1909, Pfister escreveu imediatamente de Zurique, em 18 de fevereiro de 1909, fazendo uma análise da Reforma Protestante. De acordo com Pfister, “a Reforma na essência nada mais é do que uma análise da repressão sexual católica, lamentavelmente uma análise muito insuficiente, por isso a neurose de angústia da ortodoxia eclesiástica e seus sintomas correlatos, os processos de bruxaria, o absolutismo político, a sujeição social nas corporações, etc.”.¹⁴ No que pese a afirmação atribuída a Pfister indicar certo absolutismo com relação ao catolicismo, depreende-se da colocação que as questões sobre sexualidade estão presentes também no contexto do cristianismo, seja pelo viés do romanismo ou das denominações protestantes.

Ao citar as contribuições teóricas de Sigmund Freud e Oscar Pfister, que contemplam o tema religioso no contexto europeu, objetiva-se compreender uma discussão empreendida no início do século XX, quando os transtornos da estrutura psíquica foram observados por pensadores, como os citados anteriormente, além de estudiosos dos fenômenos religiosos, como Eduardo Carlos Pereira e Leonel Franca.

282

Embora os diálogos entre os teóricos do comportamento humano e os estudiosos dos fenômenos religiosos tenham avançado significativamente nas últimas décadas, ainda existe um longo caminho a ser percorrido, aproximando e fazendo convergir ciência e religião. Dito isso e partindo dos diálogos entre Freud e Pfister, pode-se considerar que as expressões que remetem ao sagrado não precisam ser desqualificadas como manifestações das disfunções e dos transtornos da alma ou da estrutura humana. Por outro viés, os fenômenos religiosos que remetem ao sagrado podem ser percebidos como elementos integradores da estrutura mental, facilitando a busca pela (re) conciliação da pessoa consigo mesma, com o outro e também com o Deus da religião cristã, que se revelou na pessoa de Jesus Cristo.

Além de Freud e Pfister, outros teóricos e estudiosos dedicaram-se ao estudo do sagrado no processo de estruturação emocional do sujeito. Viktor Emil Frankl, em *A presença ignorada de Deus*, abordou o diálogo entre a psicoterapia e a religião, chamando a atenção para o interesse dos profissionais que atuam na área da saúde, destacando determi-

14 Cartas entre Freud e Pfister (1909-1939): um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã. (org.) Ernst L. Freud e Heinrich Meng. Viçosa: Ultimato, 1998, p. 27.

dados elementos constitutivos da religiosidade do paciente.¹⁵ Viktor Frankl, então, afirmou: “não esqueçamos, porém, que seu interesse não é somente pela religiosidade do outro, mas pela espontaneidade desta religiosidade. Em outras palavras, ele deve ter o máximo interesse para que esta religiosidade possa se manifestar espontaneamente, devendo aguardar com paciência que esta manifestação ocorra”.¹⁶

Ao fazer a devida distinção dos objetivos da religião, da psicoterapia e do campo ético de atuação do sacerdote e do psicoterapeuta, Frankl entendeu que “a religião dá ao homem mais do que a psicoterapia, mas também dele exige mais. Deve ser evitada com todo o rigor qualquer contaminação entre estes dois campos, que podem até coincidir quanto a seus efeitos, mas são diferentes quanto à sua intencionalidade”.¹⁷

Outro teórico que discute a presença do sagrado no discurso do sujeito é Carlos Hernández, autor de *O lugar do sagrado na terapia*. Hernández propõe uma análise do sagrado no processo de formação discursiva e sua relação com o comportamento de pacientes psicóticos que passaram pelo processo de internação em instituições psiquiátricas. Foi no contexto de confinamento que ele percebeu como os gestos, as falas e os objetos indicavam e revelavam o sagrado que existe no interior de homens e mulheres, que passavam por processos de profunda angústia, mas que buscavam certa reorganização emocional e relacional.

Hernández afirmou: “Se como terapeuta não ignoro o corpo de meu paciente, já estou fazendo algo, da mesma forma que não ignoro o aspecto sagrado dele e o meu”.¹⁸ Ele afirmou em outro momento de suas reflexões que “a pessoa sempre tem um espaço sagrado e, por conseguinte, misterioso e cheio de significado”.¹⁹ Embora o autor considere a presença do sagrado no contexto da psicoterapia, é possível pensar que tais conside-

15 Indica-se como referência o livro *Cristãos em confronto: Brasil 1890-1960*, objetivando entender como os dois intelectuais do cristianismo defenderam suas convicções religiosas e a influência da religião no desenvolvimento social brasileiro. Referência: SOUZA, Edilson Soares de *Cristãos em confronto: Brasil 1890-1960*. Curitiba, PR: Editora CRV, 2014.

16 FRANKL, V. E. *A presença ignorada de Deus*. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal / Petrópolis: Vozes, 1992, p. 55.

17 FRANKL, V. E. *A presença ignorada de Deus*. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal / Petrópolis: Vozes, 1992, p. 57.

18 HERNÁNDEZ, C. J. *O lugar do sagrado na terapia*. São Paulo: Nascente/CPPC, 1986, p. 13.

19 HERNÁNDEZ, C. J. *O lugar do sagrado na terapia*. São Paulo: Nascente/CPPC, 1986, p. 18.

rações também se aplicam ao processo de aconselhamento pastoral, objetivo da presente discussão. Quando se considera o sagrado no processo de formação discursiva do sujeito, apontando para a relação complementar entre religião e saúde, as considerações de Hernández ganham outra relevância. Ele situa o leitor, informando que: “estou usando como critério de saúde o desenvolvimento de condutas criadoras”.²⁰

Considerações

Uma primeira consideração, quando se analisa o sujeito em aconselhamento pastoral, é que o sagrado, que se manifesta nas múltiplas formas de discursividade e nas diversas ações comportamentais, pode ser compreendido em sua totalidade humana. Dessa forma, o sagrado, quando visto e acolhido pelos conselheiros pastorais diante das angústias da alma humana pode ser percebido como pertencente à história de cada pessoa, merecendo ser acolhido como elemento auxiliador no processo de elaboração dos conflitos e das tensões da estrutura emocional do ser.

Uma segunda consideração é que o sagrado está presente no processo de constituição da estrutura humana e também das funções psíquicas, manifestando-se a partir dos fenômenos religiosos, sendo tema recorrente no processo de aconselhamento pastoral. Cabe ao conselheiro ou a conselheira pastoral perceber nos temas que são apresentados durante o aconselhamento a compreensão que se tem do sagrado, associado aos objetos, como também às práticas e aos fenômenos religiosos.

Por fim, vale lembrar que esse sagrado pode ser analisado a partir do discurso de cada aconselhado e não a partir das convicções daqueles que atuam no processo de aconselhamento pastoral – do conselheiro. A escuta sobre o sagrado precisa considerar os diversos significados associados ao mesmo, procurando compreender as inquietações compartilhadas pelos que procuram no aconselhamento respostas as suas questões.

Inicialmente foi colocada uma questão que pautaria a presente flexão: como os conselheiros ou as conselheiras entendem e analisam a presença do sagrado no processo de aconselhamento pastoral? Embora a resposta seja complexa, pode-se entender que o tema está presente no processo de aconselhamento pastoral, exigindo dos conselheiros uma

20 HERNÁNDEZ, C. J. O lugar do sagrado na terapia. São Paulo: Nascente/CPPC, 1986, p. 42.

postura de escuta atenta, que procure compreender os diversos significados sobre o sagrado apresentado pelo aconselhado, como também os diversos discursos que perpassam a fala daquele que buscou no aconselhamento respostas às suas inquietações.

Referências

BERG ER, Peter. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulus, 1985.

Cartas entre Freud e Pfister (1909-1939): um diálogo ente a psicanálise e a fé cristã. (org.) Ernst L. Freud e Heinrich Meng. Viçosa: Ultimato, 1998.

Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10: Descrições Clínicas e Diretrizes Diagnósticas – Coord. Organização Mundial da Saúde. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

CLINEBELL, Howard J. *Aconselhamento pastoral: modelo centrado em libertação e crescimento*. São Paulo: Paulinas/ São Leopoldo, RS: Sinodal, 1987.

COLLINS, G. R. *Aconselhamento cristão: edição século 21*. São Paulo: Vida Nova, 2004.

CRABB, Lawrence. *Princípios de Aconselhamento Bíblico*. Brasília: Refúgio, 1984.

_____. *Aconselhamento Bíblico Efetivo*. Brasília: Refúgio, 1985.

_____. *Como compreender as pessoas: fundamentos bíblicos e psicológicos para desenvolver relacionamentos saudáveis*. São Paulo: Editora Vida, 1998.

ELIADE, M. *Imagens e símbolos: Ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FRANKL, V. E. *A presença ignorada de Deus*. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal/ Petrópolis: Vozes, 1992.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.

HERNÁNDEZ, C. J. *O lugar do sagrado na terapia*. São Paulo: Nascente/ CPPC, 1986.

HO BS BAWN, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. 2. ed.; 30. reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

HURDING, Roger F. *A árvore da cura: modelos de aconselhamento e de psicoterapia*. São Paulo: Vida Nova, 1995.

KERNBERG, Otto F. *Psicologia das relações amorosas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

KOHLBERG, L. C. *Psiquiatria clínica*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1986.

MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Pontes, 1989.

MALDONADO, Jorge. *A família nos tempos bíblicos*. In: Casamento e família: uma abordagem bíblica e teológica. Jorge Maldonado (editor). 2. ed. Viçosa, MO: Ultimato, 2003, p. 11-29.

MALDONADO, Jorge. *Crises e perdas na família: consolando os que sofrem*. Viçosa: Ultimato, 2005.

MARINO JÚNIOR, R. *A religião do cérebro: as novas descobertas da neurociência a respeito da fé humana*. São Paulo: Editora Gente, 2005.

NOUWEN, H. J. M. *A volta do filho pródigo: a história de um retorno para casa*. São Paulo: Paulinas, 1997.

XAUSA, Izar Aparecida de Moraes. *A psicologia do sentido da vida*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988.

SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph. *Aconselhamento pastoral*. In: Teologia prática no contexto da América Latina.

Christoph Schneider-Harpprecht (org.). São Leopoldo: Sinodal e ASTE, 1998, p. 291-319.

SOUZA, Edilson Soares de *Cristãos em confronto: Brasil 1890- 1960*. Curitiba, PR: Editora CRV, 2014.

WEIL, Pierre. *Relações humanas na família e no trabalho*. 44. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

ZWEBEN, Allen. *Aconselhamento motivacional com casais alcoolistas*. In: Entrevista motivacional: preparando as pessoas para a mudança de comportamentos adictivos. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001, p. 198-206.